



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS  
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL  
PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL

# O Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

30 de Setembro de 2006 • Ano LXIII • N.º 1632  
Preço: € 0,30 (IVA incluído)  
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913  
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285  
Fax 255753799 • Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239

## Tribuna de Coimbra

### Casamento do nosso «Pedrito»

O casamento do nosso «Pedrito» constituiu um daqueles momentos de rara beleza que, de quando em quando, se erguem no horizonte da nossa vida. Pedre-nos a modéstia e a simplicidade de que tanto se reveste a sua maneira de ser que não enfatizemos. No entanto, é justo que em nome do amor de família que a todos nos liga, se tracem algumas «pinceladas» nos passos que levaram este Rapaz, aqui criado e feito homem, numa referência permanente à Casa do Gaiato e aos seus valores educativos a assumir este grande compromisso da sua vida.

O Pedro veio para nós era ainda pequenino — tinha seis anos. Com ele veio outro irmão, o César, ambos naturais das Caldas da Rainha. O seu problema, comum a todos os demais, a família, neste caso, a orfandade. Aqui o conhecemos já era quase adolescente. O Pedro tem agora 31 anos. Foi chefe dos mais pequeninos, atento, amável e justo — marcas positivas do seu carácter e que fizeram dele um verdadeiro irmão mais velho. O seu carácter ponderado e capaz de diálogo, sem pretensão de se impor nem de iludir a verdade, fizeram dele quase sempre um potencial candidato aos lugares de chefia, tanto no Lar de

Coimbra, como em Miranda do Corvo. Num ou noutra foi chefe ou sub-chefe. Justo e recto com uma especial atenção aos mais fracos ou menos notados no seio da Comunidade. Sempre procurou ser bom chefe, sem ceder à pressão inevitável dos «amigos». Também nunca se coibiu de cultivar a boa convivência e amizade entre os Rapazes, sem falsas distâncias e, na hora da exigência, era exigente em primeiro lugar consigo mesmo.

A sua sensibilidade e jeito pessoal levaram-nos, a certa altura, a propor-lhe as Ciências da Educação, como futuro possível, concluído que fôra o 12.º ano. Contudo a sua escolha vocacional não ia por aí. Entrou na Função Pública e é hoje funcionário judicial num Tribunal da cidade da Guarda, onde reside em casa própria, comprada por empréstimo bancário.

A Cláudia, sua esposa, é filha de um antigo gaiato a viver há muito na Guarda e encontra-se a terminar o Curso de Contabilidade e Gestão. Ficámos contentes, mas saudosos por o ver partir para a sua vida. O Pedro saíu na hora certa e seguro. Não esquecemos a ajuda humilde e generosa que sempre prestou em

Continua na página 4



## Moçambique

### Escola Secundária da Massaca

ESTÁ concluída a construção da Escola Secundária da Massaca, financiada pela Cooperação Espanhola. Os Serviços Provinciais de Educação, com mais pressa do que nós, marcaram a inauguração, que não pôde concretizar-se, como previsto. Faltam ainda algumas carteiras e mobiliário que a nossa serralharia e as duas carpintarias da Massaca e de Casa não conseguiram acabar. Em boa hora foi mudada a data para dia a determinar pela Direcção Provincial. O que até aqui foi fácil e decorreu com normalidade, como fazer a planta, obter o financiamento e acabar a obra, por ironia, está a ser difícil dar o nome. Evocar quem não teve nada a ver, quanto a nós, é desacerto. Na Casa do Gaiato queremos que seja: Escola Secundária Despertar para o Desenvolvimento.

Primeiro, porque ao iniciarmos a alfabetização demos o nome *Despertar* a um programa abrangente que motiva para a alfabetização, para a continuidade dos estudos a quem os tinha abandonado e até para trabalhos profissionais. É uma actividade de Senhoras que vão pelas casas motivar as pessoas. Há um grande mérito adquirido na palavra. Só este ano são oitocentos alunos,

com primazia para o sexo feminino, que despertaram. Alguns começaram na primeira-classe e estamos com turmas. Outros até já morreram, mas foram ajudados a despertar para a Vida.

Depois, porque nos parece que o nome mais adequado para uma Escola que está a ser e há-de con-

tinuar como o grande motor de desenvolvimento das Aldeias que nos cercam. Estamos firmes na nossa proposta de nome, que vai depender, agora, duma Comissão própria.

Estamos, assim, apostados na Educação e na Saúde deste Povo, os dois pilares essenciais para sair da

«escuridão», como dizia a nossa D. Virgínia, enfermeira de Mailane. Ela tinha parado na quinta-classe. Estudou e acabou o Curso médio. Agora, exercendo a profissão, sente-se outra pessoa. Como ela, são tantos. Foi numa assembleia a propósito da vinda do Ministro da Educação, quando ela falava aos presentes, que usou essa palavra. Prevista para o fim da manhã, mudada para o começo da tarde, por motivos imprevistos, não aconteceu. E tínhamos preparado tudo, só com dois dias de antecedência.

O nome do nosso Programa de Alfabetização já chegou alto no

Ministério. Ao fim duma semana de Estudos, promovida para os responsáveis máximos das Províncias de Moçambique, era o último acto da agenda do Ministro, que ainda não nos conhece. Mas isso é o menos. O mais importante é fazer, dentro das normas oficiais e para além delas, o que Moçambique precisa.

É um dos direitos humanos mais carenciado de justiça em toda a África. Pela nossa parte, temos neste momento trezentos alunos na Massaca, Mahanhane e Changanane, em alfabetização, e quase

Continua na página 3

## Momentos

### Visita ao Barredo

PELA primeira vez, na minha vida, estive no Barredo. A ideia que eu fazia deste recanto da Capital Nortenha era bem diferente da realidade, embora, segundo afirmou o meu guia, Pai Américo chamava barredo a uma parte muito mais extensa da beira-rio.

Para explicar as razões que me atraíram, além da curiosidade, transcrevo o convite da Comissão de Festas de Nossa Senhora do Ó, da Paróquia de S. Nicolau:

«No último fim-de-semana, e durante os festejos do Senhor da Boa Fortuna, realizados na Paróquia vizinha, da Vitória, e cujo Pároco, senhor Padre Jardim, é comum, tivemos a agradável surpresa de assistir ao desempenho da Banda dos Gaiatos.

A Paróquia de São Nicolau promove, nos dias 15, 16 e 17 de Setembro, a já tradicional e popular Festa em Honra de Nossa Senhora do Ó.

Assim, é com muito gosto que vimos expressar o nosso desejo da participação da Banda da Casa do Gaiato, de Paço de Sousa, na procis-

são que, no dia 17, pelas 16h30, percorre as ruas da Ribeira, dando-lhe mais brilho e solenidade.

A vossa presença na procissão seria muito oportuna, neste ano em que, há precisamente dois meses, a nossa Paróquia celebrou com muito empenho o 50.º aniversário da morte do Padre Américo. Seria muito significativo termos a vossa 'Bandinha' a acompanhar-nos pelas ruas por onde passou e foi visitador o saudoso Fundador da Obra da Rua.»

A nossa «Bandinha», de 24 rapazes, dos 9 aos 18 anos, é composta, na sua maioria, por adolescentes. Desde a tuba ao flautim, os instrumentos de melodia e acompanhamento estão preenchidos de tal maneira que a harmonia do conjunto torna-se bastante agradável.

Várias vezes tocámos no Porto, em Fátima, Lisboa e Setúbal como acompanhámos Festas para os lados de Arouca e localidades mais próximas e demos um concerto na Festa da Juventude, em Vandoma.

A Banda é um cartaz que necessitamos de apresentar em toda a parte do País como uma faceta viva das Casas do Gaiato e um grito de alegria e esperança!

Se não fora os Tribunais e outras forças tirarem-nos os melhores componentes, repentinamente, a nossa Banda teria já 36 elementos, o que lhe daria uma capacidade invejável.

Mal chegou o autocarro e os rapazes começaram a desembarcar frente ao Palácio da Bolsa, de calça preta e camisa branca, ouvi comentar: — São gaiatos, mas tocam muito bem!

Continua na página 3

# Pelas CASAS DO GAIATO

## Conferência de Paço de Sousa

**PATRIMÓNIO DOS POBRES** — Tínhamos passado, há dias, por um conjunto de casas, nas quais está uma viúva que foi tratada e, graças a Deus, sente-se um pouco melhor.

A cara tem melhor face e conversa, já fala doutra maneira...!

Há muito, verificámos a necessidade de tratarmos a situação das portas e das janelas...

— *Vem aí o Inverno e já fico com a casa em melhores condições...!*

Num dia, deste mês de Setembro, recebemos da assinante 7769, do Porto, um cheque de 200 euros «para ser distribuído pelas casas dos Pobres tratadas pela vossa Conferência».

A assinante 113, do Porto, manda 150 euros «motivados por uma conversa telefónica, sendo informada de um caso de família do Património dos Pobres».

Outra amiga, doente, que não esquece os Pobres!

**PARTILHA** — Presença da assinante 11639, de Ermesinde. Um cheque da assinante 53241, do Luso, com 60 euros, «relativo ao meu contributo de Julho e Agosto, cujo valor utilizarão onde for mais necessário». Agora, o costume, do assinante 9790, com «pequena ajuda em cheque».

Cem euros, do assinante 4395, de Vila Nova de Famalicão, que aparece muitas vezes «para aplicarem ao vosso critério».

Vinte e cinco euros, do assinante 77783, de Viseu, «para ser utilizado da maneira que acharem melhor».

Outra, de Vila Nova de Gaia, assinante 10770, «com pequena ajuda, 30 euros, mas oferecidos com o coração».

Do nosso amigo, de Lisboa, assinante 27008, resolveu «passar a ajudar a vossa Conferência».

A assinante 79839, «no dia de anos do meu filho, remanescente de contas».

De Vila Nova de Gaia, assinante 10770, «com muito carinho, envio para a Conferência de Paço de Sousa, 30 euros, pequena ajuda, bem sei, mas oferecida com o coração. E nas vossas orações lembrem a alma de meu Marido».

Quatrocentos euros, da assinante 12623, de Lisboa, «não tem valor monetário, tenho confiança na vossa Obra, na vossa Conferência».

Mais um remanescente de contas, do assinante 76247, de Figueiró dos Vinhos.

Beatriz, de Carregosa, «o contributo referente a Julho e Agosto para aplicarem no que os Pobres mais necessitarem. Que o Senhor vos dê força para continuarem».

A nossa gratidão para todos.

Eis o endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

## Paço de Sousa

**MÚSICA** — Não há tempo para paragens na música, os nossos rapazes têm actuado por todo o sítio. O nosso Padre Acílio tem-se desdobrado em esforços para conseguir um bom funcionamento da banda.

No dia 27 de Agosto a nossa «Bandinha» foi actuar no Porto, onde é sempre bem acolhida.



Na esplanada da casa da Arrábida, os rapazes pintam.

No dia 17 abrilhantaram a procissão e a festa de Nossa Senhora do Ó, da paróquia de S. Nicolau. Mais duas ou três saídas estão já agendadas.

**FÉRIAS** — O segundo turno já regressou. Foi um período de retemperamento, de descanso dos nossos rapazes mais velhos para enfrentarem o período escolar que se avizinha.

**VINDIMA** — Brevemente teremos a vindima. Esperamos que a colheita deste ano seja boa, para que possamos ter com mais frequência vinho às refeições.

Hugo André Cruz

**DESPORTO** — Começou a época 2006/2007. Com ela, veio a alegria e euforia aos sábados e domingos quando a redondinha rola no campo de futebol. Ela nunca parou, porque isso é impossível numa Casa do Gaiato. Todos responderam *sim* na hora da chamada. Todos... todos aqueles que gostam de cuidar da saúde e de conviver em ambiente *são*; que gostam de perder e de ganhar, embora a segunda opção, seja melhor e mais cómoda. No sábado anterior ao começo, enquanto um grupo de rapazes passou o dia a colocar todo o equipamento nas prateleiras do balneário, e deu trabalho que chegue! O «Russo» e o «Bonga» já faziam os primeiros exercícios físicos em pleno relvado... nos cantos! É a «fome». A «fome» de futebol. Pouco passou de um mês que o desporto parou cá em casa, por causa das férias, e foi o suficiente para que a vontade de jogar, a sério, saltasse para primeiro plano. Para já, tudo são rosas. Vamos ver se quando a chuva começar a cair, o futebol é mais forte que o sofá e a televisão. Para alguns, tenho a certeza que é, mas para uma meia dúzia deles: *trabalhar faz calos*. Vão aparecer algumas desculpas com a ida ao dentista; com o dói-me isto, dói-me aquilo; tenho que... menos ir aos treinos, etc. Vamos lá ver! Só faz falta quem está, e disso ninguém tenha dúvida. Quem quiser, está, e será respeitado como tal; quem não quiser ser amigo de si próprio, faltará e o problema é dele...! Uma coisa é certa: *só joga quem for regular nos treinos*. Cá em casa não há o «fulano» e mais 10 ou o «sicrano» e mais 10. Não. Somos 11; somos 18; somos todos iguais. Porque só um bom colectivo é que faz uma excelente equipa. Não há vedetas. Somos contra isso! Teixeira será, em princípio, o guarda-redes titular, e vamos ver se descobrimos quem é o

«valentão» que lhe quer fazer frente. Não vai ser fácil.

Há já alguns jogos marcados, e daqueles de se lhe tirar o chapéu. Espero que todos compreendam que temos que trabalhar «forte e feio», para que depois não se confunda a falta de capacidade com a vontade de ganhar a qualquer preço. Sem trabalho nada feito; sem humildade não há vitória; não podemos ser respeitados, sem respeitarmos o adversário. Dentro das quatro linhas quem manda é o árbitro e as regras do futebol. Não podemos imitar a pouca vergonha que muitas vezes se vê na televisão. Não somos jogadores de milhões, somos daqueles do tempo em que se jogava por amor à camisola. Se assim não for... está o «caldo entornado».

Alberto («Resende»)

## Setúbal

**EXPOSIÇÃO** — Os desenhos e pinturas elaborados nas férias, na nossa casa da Arrábida, foram expostos, a convite da ARTISET — Associação de Artistas Plásticos de Setúbal, na Avenida Luísa Todi — integrados no Festival do Sado, organizado pela Câmara Municipal de Setúbal, no dia 3 de Setembro.

Nesta exposição participaram cerca de 17 rapazes com 30 dos seus melhores trabalhos. Para nós foi uma honra expô-los juntamente com artistas ligados às artes plásticas já há alguns anos.

Tivemos também a oportunidade de criar e pintar figuras do nosso imaginário apoiados por um dos artistas plásticos, num local bastante frequentado por muitos visitantes.

No final, todos nós recebemos do representante do Turismo de Setúbal um diploma de presença.

**CAMPO DE JOGOS** — A cobertura já está montada. Depois irá ser feito o chão e a vedação. Os rapazes passam o dia a apreciar o campo e não deixam de dizer de como vão ser os jogos disputados entre eles.

**TORNEIO** — Uma Direcção de rapazes decidiu organizar um torneio de futebol de sete no nosso campo. Já foram sorteadas as equipas e os rapazes estão muito contentes com elas. Já se realizou a 1.ª jornada e os resultados foram bastante positivos. Esperemos que continuem assim.

**RAPAZ NOVO** — No domingo passado veio para a nossa Casa um rapaz novo com o nome de Luís. Esse rapaz tem cá um irmão mais velho. Nesse dia divertiu-se imenso com outros, andando de bicicleta.

**LAR** — São 16 os rapazes que neste ano irão viver nos dias de escola, no nosso Lar de Estudantes. Como chefe temos o Júlio que nos pode ajudar nos estudos e a D. Nina, que já colaborou nas nossas Festas, ensaiando os rapazes, será a senhora que nos vai acompanhar.

Daniilo Rodrigues

## Lar do Porto

**CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS** — O nosso coração tem andado muito triste. Daí, talvez, o silêncio sobre a nossa Conferência. É que vemos os nossos Amigos a braços com muitas necessidades e, devido à falta de meios para os socorrer, sentimo-nos frustrados no nosso trabalho.

A nossa velhinha, avó de dois rapazes que estiveram na Casa do Gaiato, teve uma trombose e acamou. Depois de ter sido tratada no Hospital de Santo António, foi internada num Centro de Dia, que lhe custa toda a sua reforma, que já não é muita. A sua filha reclama, porque o Centro não lhe dá as fraldas necessárias, e ela mal ganha para sustentar os filhos.

A última vez que a visitámos estava em casa, porque o Centro tinha fechado para férias. Na altura, estava muito limpinha, num quarto também muito limpinho, pois o homem, com quem a filha está, tinha-lhe dado um arranjo e pintado. Mais uma vez a filha nos falou que era uma grande despesa para ela. Deixámos a ajuda possível, o que a deixou mais aliviada. Mas já lhe fomos dizendo que não sabíamos como iria ser, pois nós também não temos com que a poder ajudar.

Na última prestação de contas, a nossa tesoureira disse que o saldo era negativo. Informou, também, que estamos a ter mais despesas do que donativos que recebemos.

Nós temos muitos compromissos assumidos. Ele são fraldas para uns, óculos para outros, rendas de casa para outros ainda. Enfim, é um nunca acabar de necessidades para as quais

nós nos estamos a sentir incapazes de acudir.

Sabemos que a vida está má para todos, mas nestas alturas, estes nossos amigos, que visitamos, são os que mais sofrem porque não têm a quem recorrer e estão sempre a contar conosco e com a vossa ajuda.

Resta-nos pedir a Pai Américo que, lá do Céu, interceda junto do Pai para que toque no coração dos nossos benfeitores, para que não se esqueçam dos que estão sempre à espera de ajuda.

Conferência de S. Francisco de Assis, Rua D. João IV, 682 — 4000-299 Porto.

Olga e Valdemar

## Malanje

Quintino tem 15 anos, é um rapaz como tantos outros com a particularidade de ser o responsável pela nossa despensa, o que é muito complicado numa Casa destas. Seus intrusos são sacudidos com firmeza, pronunciando o nome do nosso Padre Telmo. Está na sexta-classe, quando tiver 20 anos completará a décima-segunda-classe, isto se não perder ano algum. Gostaria de fazer a sua Licenciatura na Europa, um sonho de tantos angolanos. Nas horas disponíveis do dia, ocupa-se de trabalhos oficiais, como serralharia ou oficina de electricidade, com seus colegas nas reparações da Casa. Recolhido pelas Irmãs de S. José de Cluny, por ausência de seus pais, mortos na guerra, veio para a nossa Casa de Malanje, em Fevereiro de 2000. Tem uma forte vontade em aprender. Num país que acaba de sair da guerra e com falta de mão-de-obra qualificada, é sempre bom sentir esta preocupação dos nossos rapazes. Tem olhar sereno, mas com marcas profundas quando se fala do passado. São estes os Rapazes, marcados para toda a vida, sem laços familiares, com traumas duma guerra sem justificação, a quem nos propomos fazer felizes, lançando-os para uma nova vida, fazendo com que esqueçam o passado, dando-lhes uma família, assim como fazer deles homens de bem e de verdade no crescimento moral e da dignidade de um ser humano. Mais, ainda, um ser de Deus. Esta é a nossa missão, sem contrapartidas, por vezes, mal-compreendidos, mas «fazer o bem não olhando a quem», ajuda-nos a cumprir um dever cristão, seguindo o caminho do Evangelho, autêntico e verdadeiro. Só uma força interior é capaz de nos encorajar a ultrapassar os obstáculos da vida. Muitos perguntar-me-ão porque só agora penso assim? Pois... É necessário viver o dia-a-dia deste Povo, sentir a dor, as dificuldades, resolvendo-as, para vencer as doenças que dizimam centenas de vidas como: a cólera, tuberculose, malária e outras. Que acabem, de uma vez por todas, com a venda de armas, substituindo-as por alimentos como: leite, açúcar, arroz, feijão; medicamentos e outros bens necessários. Para que o sofrimento do corpo e da alma não sejam mais. Os interesses dos homens poderosos, de corações empedernidos e congelados. Mas, sim, que se sinta o calor que nos desperta a Natureza no rebentar da Primavera, o cantar das andorinhas, onde tudo é mais belo, que seu fruto nos alimente, dando-nos uma nova vida em paz, amor em Deus. Estas são as nossas preocupações e devem ser a de todos os homens, para que o bem dos outros seja, o nosso bem.

## Benguela

## A malária

**N**ÃO conseguiu resistir e morreu. A malária continua a ser a doença que mata, mesmo quando não se espera. Por isso, investimos tudo o que podemos para que a morte não vença. A criança, ainda bebé, foi-se, antes de entrar para a nossa carrinha que faz, muitas vezes, de ambulância.

O problema dos cuidados da saúde preocupa-nos, porque a situação sanitária é muito grave. O saneamento básico não existe onde mora a maior parte da população. O caminho está a fazer-se numa forma tão lenta, tão demorada, que não se vê o fim! As doenças, entretanto, vão ceifando vidas, sempre mais vidas.

Não é para desanimar. Enquanto tivermos força e a vossa ajuda, faremos tudo para aliviar o sofrimento do nosso povo. Quanto me alegro ver o progresso feito pelas

mães que, a tempo e horas, buscam o remédio para a doença dos seus filhos! Falo desta maneira, porque é muito frequente deixar o mal avançar até ao ponto de não haver cura. É, também, um problema de educação. A escola é, sem dúvida, a porta de entrada no caminho do desenvolvimento. Por isso, temos um grande cuidado na preparação das próximas gerações.

Este serviço pede-nos um investimento material, financeiro, constante. Queremos estar na vanguarda desta frente de batalha, alimentada pela retaguarda que sois vós. É um projecto diário que levamos em nosso coração para ser cumprido à medida que nos estendeis as vossas mãos. Todos os dias, as mães com as crianças ao colo, tocadas por alguma doença, vão a caminho do posto médico. Pagamos tudo para que a vida não falte. Doutrina modo, por-

que nada têm, até as lágrimas lhes faltariam para chorar a morte dos seus filhos.

Deixai que o fogo do amor queime os vossos corações. Antes de me sentar para vos escrever, meus olhos poisaram nestas palavras que vos deixo textualmente: «Se alguém possui bens deste mundo e, ao ver seu irmão passar necessidade, lhe fecha o coração, como pode estar nele o amor de Deus?» É linguagem para crentes e não crentes, já que a indiferença e o egoísmo são males que empobrecem o ser humano de cada um.

Quero falar-vos da vida, do dia-a-dia. Bateram à porta e desci, agora mesmo. Quem era? Uma pobre viúva com um papel na mão a pedir dinheiro para pagar o caixa da sua filha que morreu e nem sequer pode pagar as tábuas da caixa. Quem me dera estas palavras fossem escritas com o sangue deste povo que nos é tão querido e corresse nas vossas veias à mistura com o vosso. Esta transfusão vos dará vida nova! Vamos para a frente! A montanha é muito alta, mas podemos empurrá-la com Fé e Amor.

Padre Manuel António

## Momentos

Continuação da página 1

À volta do Barredo e pela Ribeira, a «Bandinha» acompanhou a procissão, rescendendo doçura religiosa a quem seguia, mas saciava de júbilo todos os que viam os rapazes e ouviam os acordes.

Não é vulgar, hoje, em qualquer parte do mundo, uma Banda assim. Se for possível, no Céu, acompanhar, como eu creio, o que se passa nesta vida, Pai Américo deve ter dançado de contente, ele que era, por natureza, tão expansivo, ao contemplar os seus gaiatos a alegrar estas ruas de que ele tanto falou e escreveu.

Os gaiatos precisam de ser vistos e ouvidos não só para se exibirem, mas, sobretudo, para espantar o «Diabo» que se meteu com eles.

O acolhimento da comunidade de S. Nicolau não podia ter sido mais afável aos rapazes, pelo que lhes ofereceram como pelas atenções e carinho de que os rodearam.

À nossa maneira!

Deixei os gaiatos, ainda a lanchar, numa sala anexa à igreja, e fui com um amigo ver o Barredo, ali ao lado.

A Ribeira está transformada! Passeios e rampas de granito levam-nos ao Rio e conduzem-nos ao longo da sua margem direita, numa delícia de ambiente.

Esplanadas e restaurantes permitem disfrutar, a milhares de pessoas, aquele panorama belíssimo que o majestoso Douro proporciona.

A serenidade da tarde era cortada por algumas motos de água em grande velocidade e barulho que rapidamente se afastavam. Um ou outro barco enriquecia a paisagem.

Tudo me encantava, mas eu queria ver o Barredo.

\*\*\*

Por volta das 13h00 de sábado, três mulheres aparecem. Perguntei ao que vinham. A primeira, com 41 anos, vinha pedir um pouco de arroz para seu sustento. Tinha acabado de enterar o seu neto, com tenra idade. Não me deu alternativa. Levou o que pediu, mais atum, sal e óleo.

A segunda, com 22 anos, casada com um homem de 80, que mais parecia de 90 anos, todo curvado e de vistas enevoadas, de igual modo a sua parte. Arroz, sal, óleo e atum.

A terceira, uma jovem, conta-nos a sua história de abandono. O homem com quem se juntara, engravidou-a, ao fim de alguns meses. Na hora em que mais precisava, abandonou-a. Era o nascimento duma linda menina. Amarga, como era de esperar, diz não querer saber de mais homem algum. Tem,

pela vida fora, o sustento, educação e saúde da sua filha. Que fazer perante esta situação? Há que dar um pouco de leite, açúcar e outros géneros, para que não seja a criança a pagar os erros de homens irresponsáveis, encaminhando-a para os Serviços Sociais.

Outras histórias se poderiam contar, como esta duma criança de 9 anos que nos aparece, no escurecer do dia, pelas mãos do nosso guarda.

Diz que seu avô, com quem vivia, se deslocara de Cacus para Malanje, a fim de fazer compras no mercado da *choande*. Quando deu conta não mais o viu, ficando à mercê de mãos alheias. Alguém, que por lá andava, viu e perguntou-lhe o que fazia àquela hora da noite na *choande*. Conta sua história à dita pessoa que, logo, se lembra da Casa do Gaiato. Veio da cidade para o entregar. O guarda, que

estava na entrada, recebeu a criança das mãos do bendito senhor, e entregou-a. Vinha exausta e faminta. Seu olhar era de dor e compaixão. Deu-se roupa, comida e dormida. No dia seguinte, investigámos o acontecido, ficando tudo esclarecido e entregue a quem lhe pertencia.

Diz-nos o Evangelho que, certo dia, um mendigo estendeu sua mão à caridade; muitos passaram, mas não o viam. Um benfeitor que por ali passava, viu o mendigo esfarrapado e com fome, parou, pegou-lhe na mão e levou-o consigo.

Também nós, passamos, não vemos e nem queremos ver. Será que andamos cegos, sem que nos desperte a consciência por vidas tão desprezadas? Deixo este pensamento e preocupação aos nossos Leitores.

Júlio Silva

## Moçambique

Continuação da página 1

setecentos em quinze turmas da sexta à décima-primeira, em curso nocturno, na Massaca, também. Serão estes, e os mais que transitarem da alfabetização para o próximo ano, os que vão beneficiar da nova Escola. É a nossa contribuição, não muito modesta, pelo empenho, quer do Programa de Alfabetização, quer dos alunos.

Acrescentando o número de crianças em Creche, que ronda as duas mil que saem dali com a pré-primária, é um bem inestimável que a Obra da Rua proporciona, com a ajuda externa de tantos que em nós confiam. Esperamos continuar, com a ajuda de Deus que é sempre Fonte da nossa motivação, para o serviço dos mais pequeninos.

Padre José Maria

## DOCTRINA



Eles dão lições ao mundo egoísta...

**M**AIS. Eles dão lições ao mundo egoísta com o interesse que tomam por a venda do Jornal, não se poupando a sacrifícios. Nem a distâncias, nem o tempo, nem os transportes, nem os fiascos, nem a má aceitação, nada os faz desanimar. Eles trabalham para a Comunidade. Têm o sentido do bem-comum. Não aceitam nem pedem nada para si mesmos. Melhor do que eu, sabe estas verdades quem vê e trata com eles na rua. Parece presunção da minha parte, que eu diga tanto em favor destes rapazes sem ter conhecimento directo do que eles por lá fazem. Parece, sim. Pois ele não é verdade que o garoto da rua as pinta nas costas de toda a gente? Não podiam também estes enganar-me? Podiam, sim; mas não o fazem. Sei que o não fazem. Sinto o amor que lhes tenho e isso basta! É preciso que os educadores se encham desta verdade e não passem o seu rico tempo de compendioso na mão a ver qual aplicação; como se estes rapazes fossem figuras.

**N**ÓS não temos um sistema. O nosso compêndio é o Evangelho. Amar o rapaz pelo que ele verdadeiramente é e pelo que ele verdadeiramente vale. No caso recente da «quadrilha» aqui descoberta, poderá alguém querer saber que meios vamos usar. Pois também estes, sobretudo para estes, o único remédio é amá-los. O desgosto de os ver assim tão pequeninos capazes de tamanhos males é, por si mesmo, sangue que redime. Nós somos testemunhas de transformações, mas não sabemos como elas se operam. Não damos fé. Assim é com o crescer, pelo pão que comem. E, até, a própria semente que deitamos nos nossos campos, ninguém dá fé de ela «morrer» e germinar! Na ordem da Graça como na da Natureza tudo é silêncio! A expressão da eternidade é o silêncio. Deus não está nos ruídos.

**M**AIS. Os nossos rapazes vão com o propósito de ajudar as despesas. Cumprem um dever. Os que vendem na Figueira e Coimbra e Miranda do Corvo e Lousã dão um grande avanço à nossa economia. Da mesma sorte os que vendem no Porto e na vila de Paredes e brevemente na cidade de Braga. Não é mais o «tostãozinho» que se dá ao vadio, conquanto cada um deles tivesse sido ontem o vadio do tostão. Obter nas ruas O GAIATO é uma transacção saudável. Afoita. Cria alma. Ergue a Nação. Todos gostam.

**I**NERESSAR assim o próprio rapaz na Obra deles é outro passo saudável, que leva a grandes alturas. Eles retribuem. Não se deixam vencer em generosidade. Há tempos, eram três horas e faltavam em casa dois para almoçar. Que teria acontecido? Não aconteceu nada. Não quiseram vir embora sem vender tudo? O rapaz compreende que quem não dá tudo não deu nada. Mas para isso precisa de sentir-se amado. O amor é regra. Não amorzinho — cerimónia. Mas sim aquele que mergulha na Cruz e que vem da Cruz. Disse.

*D. Américo*

(Do livro *Doutrina*, 1.º vol.)

# Malanje

## Bendito sejas Força do nosso Criador

ARDERAM as matas de Monchique! «Fogo posto», dizem. Perdemos o sentido. Círculo fechado, sem uma vereda de saída... Não somos; só temos. Somente o ter não é caminho de infinito. Passou um ano. Sentado numa rocha, foco este ressurgir em rebentos novos; esta urgência de esconder a desolação e apagar a nossa vergonha... Bendito sejas Força misteriosa do nosso Criador

Mesmo aqui na encosta da serra, nasceu a Caruna. O jovem Francisco de Assis refugiou-se numa capela em ruínas. Com os seus pedregulhos e as pedras do chão reconstruiu as paredes. Em cada pedra, a visão de Deus — cada, um gesto de amor! Destas nasceram muros fortes de mosteiros; milhões de gestos de amor até Deus!

O casal Baal e Ana Maria também aqui na Caruna são construtores de muros... Não muros que dividem; sim, alicerces vivos de paz e de esperança. Linhas condutoras que, deixando o supérfluo e inútil, nos elevam e transformam.

Grupos enfiados de vazio, procuram algo que lhes mate a sede...

Lá está o templo, onde cada qual pode expressar a sua fé!

Lá está o patamar-labirinto, onde, imaginando, nos libertamos de encontros que nos desviem ou tapem o sentido do nosso fim — da nossa paz.

Também uma cozinha com grande espaço para as refeições e um pavilhão para repouso e dormidas.

Mais, um ambiente natural com vistas maravilhosas que nos aconchegam.

Não falta um lago e uma bica de água pura e fresca — sempre a correr.

Consolador — mesmo em caminhos diferentes — sentirmos a presença do nosso Deus que, mesmo no meio dos turbilhões da vida — Ele nos aperta o coração.

## O contentor no porto de Luanda

O dinheiro?! Ele nos atrapalha. Sabemos que nos desvia do bom caminho. Sabemos, também, que precisamos dele para conseguir entrar em tantos outros caminhos... Não temos a fé de Jesus para irmos à boca do peixe tirar a moeda.

Uma moeda de ouro para arrancarmos o contentor do porto de Luanda! Como?, se o conteúdo foi oferecido e é para as crianças angolanas?

Vem nele uma máquina para fazer blocos. Blocos para vendermos e conseguirmos comprar o feijão que os nossos rapazes comem diariamente.

Simples e claro como a água. A lei não vê. É com ela que o Estado tira do porto moedas fortes e pesadas que a nossa bolsa não comporta.

Há três meses que lutamos com pedidos e papéis e ele — o contentor — ainda dorme na pilha e fila de outros contentores! A lei é vesga, não vê feijões do Povo, vê blocos de cimento! É pena.

Os pais das nossas crianças? Uns se foram à guerra e nela ficaram... Outros com outra mulher — e mais perdidos ainda...

Feche os olhos à lei, Director do porto, e foque o pão destes nossos filhos...

Padre Telmo

## Calvário

# Feridas

UMA das nossas muitas Marias, que aqui temos, vem ter comigo muito triste e mostra-me o dedo:

— Olhe, tenho uma ferida. É preciso curá-la.

Enquanto é tratada, apresenta outra ferida — esta mais difícil de resolver.

— O meu irmão nunca mais cá veio para me visitar. Já não quer saber de mim.

E, logo de seguida, revela, ainda, outra ferida mais profunda, já com raízes na alma, pois aponta para uma certa vingança.

— Mas ele há-de pagá-las. Vai ver.

As feridas na epiderme, normalmente, são fáceis de curar. Bastam uns cuidados básicos e elas desaparecem, facilmente.

Mas as feridas que tocam a mente e o coração são mais difíceis de eliminar, de fazer desaparecer.

Umam vêm de fora, provocadas pela família, pelos amigos, pela sociedade.

Outras, são criadas no interior de cada um, muitas vezes em consequência daquelas.

Ora, aceitar as feridas é já meio caminho de cura. Mas poucos se dão ao cuidado de as tratar. As feridas que a sociedade provoca ou o tempo acarreta — como a rejeição, o desprezo, a indiferença ou, até mesmo, o envelhecimento e as doenças que incapacitam — quando aceites levam-nos ao despojamento, reduzindo-nos ao essencial, à pessoa humana que somos, singular, mas que Deus ama apesar de tudo.

As feridas do interior, quando bem tratadas, purificam-nos o espírito onde elas germinam. E esta purificação é benéfica porque nos liberta da escravidão que aquelas originam.

Muitos dos nossos doentes já estão curados. Encontram-se consigo mesmos, porque despojados de familiares e amigos. Agora estão livres para fazerem novas amizades e descobrirem a família que os acolhe e no seio da qual vivem.

A vida em comunidade, que aqui levam, é assim ocasião para eliminarem as feridas mais profundas como o egoísmo, a inveja, o ressentimento e tantas outras.

A correcção fraterna é alavanca poderosa. Mas as solicitações dos mais débeis e fracos que carecem de ajuda permanente, despertam antídotos preciosos: a dedicação elimina o egoísmo, a compaixão e o amor fraterno fazem desaparecer a inveja, o esquecimento de si mesmos para se dedicarem aos outros apaga os ressentimentos e desperta a boa vontade.

— Ó Maria, ajuda-me a erguer da cama.

Esquecendo tudo, a Maria está sempre pronta para atender os demais e se esquecer de si.

E assim se curam feridas.

Padre Baptista

## Setúbal

# O Fábio

OS rapazes pequenos gostam dos animais, especialmente dos cães mas também dos gatos; os mais velhos gostam dos jardins, bem arranjados, limpos e arrumados. Fazer coincidir estes dois gostos, na nossa Casa, é impossível. Ou há-de estar os cães presos e os jardins alindados ou os cães à solta e os jardins pisados e em desalinho. Como tudo concorre para eles, os rapazes, não podemos ter os jardins como gostávamos.

Normalmente cada rapaz tem o seu cão predilecto. Há, no entanto, entre eles um que cuida de todos os cães de igual modo — o Fábio. Trata da comida, do regresso ao canil, à noite, para que não inco-

modem quem dorme; é o primeiro entre todos.

Foi sempre assim, disseram-me. O afecto numa criança anda sempre à procura de reciprocidade. Se não o encontra nos adultos mais próximos, vai em busca dele nos animais. E estes não se fazem rogados.

Ainda veio a tempo para nós este pequeno. Quando mais velho e na rua, poderia encher os seus afectos de revolta e voltar-se contra ele mesmo ou a sociedade que não lhe deu lugar.

Como todos os rapazes quando vêm para nós, teve de ir à escola. Mas que é a escola para quem não se encontrou ainda consigo nem com os outros? Aprender o quê?

A escola nada lhe dizia. Nunca lhe disse. Só nos finais do primeiro ano lectivo que connosco passou, começou a ter alguma abertura à vida escolar.

São tantos os nossos que vêm para nós nesta situação. O espaço da nossa quinta, as árvores, o campo, a mata, os animais, são o

pára-quebras que os ajuda a aterrar suavemente numa vida normal.

Depois a vida familiar, os amigos, a bola e a participação nas actividades necessárias ao dia-a-dia da vida em comunidade, fazem a socialização de forma natural. O caminho prosseguirá mais tarde na abertura aos horizontes da cidade, ao mundo que antes os rejeitou e depois os há-de receber refeitos, prontos para fazer o bem a quem os não considerou.

Melhor que uma flor num lindo jardim, é o Rapaz feliz no que é seu.

Padre Júlio

# Reflectindo

É o Profeta Isaías, que lemos neste Domingo, quem me dá o mote. Afinal, dois mil e oitocentos anos passados, a Humanidade mudou pouco em profundidade. Naquele tempo, o fidalgo de nascimento, homem da Corte dos reis e da cultura, virou homem de Deus. Chamado à missão profética, não terá mais descanso nem paz exterior, que a sociedade dos a quem ele anuncia a Verdade e a quem exige moderação e Justiça, não lha permite. Mas ele sabe a Quem serve e tem a visão do que o espera: «O Senhor abriu-me os ouvidos e eu não resisti nem recuei um passo. Apresentei as costas àqueles que me batiam e a face aos que me arrancavam a barba. (...) O Senhor Deus veio em meu auxílio e, por isso, não fiquei envergonhado. (...) O meu Advogado está perto de mim.» Por isso, a paz interior, essa ninguém lha tira; é a sua riqueza, o potencial sempre disponível para a força necessária em todos os momentos de afronta — e será sucessão contínua deles toda a sua vida.

Era uma igreja e uma sala de jantar cheia de festa e de felicidade. Abençoado dinheiro que repartis connosco. Só o Céu o recompensará plenamente. Festa nossa; banquete extensivo aos nossos mais queridos que no Além a viveram de forma efusiva, na plenitude de Deus: Padre Horácio, Maria da Luz, os pais do Pedro e outros. Louvado seja Deus.

Padre João

# Tribuna de Coimbra

Continuação da página 1

nossa e sua Casa, sem mirar proventos ou recompensas que bem as merecia. Não se evidenciava no que fazia. Procurava servir onde fosse mais necessário e naquela hora. Foi condutor — quantas vezes — de Padre Horácio, nas suas intermináveis visitas ao Património dos Pobres... «Bombeiro» nas horas de aflição, a caminho do hospital... Cabeleireiro e barbeiro da rapaziada miúda e graúda, principalmente ao fim-de-semana. E, sendo preciso, também dava um jeito nas tarefas agrícolas, fazendo e ensinando os outros. Nos últimos tempos era ele quem organizava as nossas contas e as dos rapazes. Sempre disponível e sereno. Foi também vendedor d'O GAIATO, em pequeno, onde arranhou grandes amizades. Preci-

samente, a sua madrinha de casamento foi uma dessas pessoas amigas cuja amizade perdurará.

O «Pedrito» parte, mas a sua partida nunca será uma separação. Desejamos-lhe, a ele e à sua esposa, Cláudia, as maiores venturas. Que ambos vivam sempre um amor feliz e fecundo; um amor como rezava o «Cântico dos Cânticos» na liturgia do seu matrimónio, «forte como a morte» um amor, como ele próprio proclamou com grande emoção, citando S. Paulo: «que tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta...» O amor de Jesus que «jamais passará».

Foi maravilhosa a «multidão» de amigos que se associou à nossa alegria; amigos antigos e sem presentes; os nossos antigos gaiatos e suas famílias; os nossos mais novos, de dentro e de fora.

De tal modo o enche esta certeza que, agora, é ele quem ousa o desafio:

«— Pretende alguém instaurar-me um processo?... Comparemos juntos!

— Quem é o meu adversário?... Que se apresente! O Senhor Deus vem em meu auxílio — quem ousará condenar-me?»

Pois que o condenem aqueles para quem a Verdade e a Justiça são coisas abstractas — que nada o deterá na missão a que foi chamado. São assim os Profetas!

S. Paulo, porque Apóstolo também participante do carisma profético, tem tantos textos ilustrativos deste pensar que Isaías, hoje, nos sugeriu! E se fossemos ao Martirólogo Romano, não tinham conta testemunhos paralelos a este: de determinação, de coragem e de Paz.

Também Pai Américo experimentou este preço dos Profetas: «Não posso dizer que tenha suado sangue, mas sei o gosto do martírio.» E, tal como Isaías, «não desviou o seu rosto» dos que lhe eram adversos — e seguiu o seu caminho até ao fim.

Padre Carlos

## PENSAMENTO

(...) Feriu-me a queixa; trabalhar e não comer. Nem a minha oração poderia ser escutada sem primeiramente ir dar ou ver que se desse ao queixoso o que legitimamente lhe pertencia. Nenhuma oração presta sem estas normas eternas.

PAI AMÉRICO